

monoteístas: judaísmo, cristianismo e islamismo. Uma selecta bibliografia complementa o conjunto da exposição.

O livro é muito didáctico e atraente: pela clareza, pela boa apresentação gráfica, pelos textos citados em destaque sobre cada um dos grandes simbolismos, pela oferta de algum vocabulário mais essencial referente a cada religião, enfim, pelas sugestões de leituras complementares e de trabalhos a elaborar. Excelente instrumento para uma iniciação ao simbolismo religioso e sobretudo para o ensino das religiões nas escolas.

JORGE COUTINHO

FILOSOFIA

SCHELER, Max, **Los ídolos del conocimiento de sí mismo**, Bibl. Filosófica «El carro alado», col. Pensamiento y Teología», Ediciones Cristiandad, Madrid, 2003, 136 p., 205 x 125, ISBN 84-7057-480-9.

Nesta obra, publicada pelo autor em 1911 e depois, em 1915, por ele incorporada no volume *Tratados e Ensaíos*, é agora oferecida ao público em tradução castelhana de Francisco Javier Olmo García. O intento de Max Scheler é o de mostrar como o conhecimento de si mesmo está muito mais sujeito a engano do que pensa o senso comum e sobretudo do que pensaram o tão meticoloso Descartes e, com ele, a modernidade filosófica em geral. A referência aos «ídolos» é uma retoma da conhecida expressão com que F. Bacon designava os preconceitos que fazem da nossa consciência um «espelho turvo». M. Scheler considera que, efectivamente, a convicção de uma total auto-transparência da consciência humana foi um grande engano da filo-

sófia moderna, tornando-se responsável por um exacerbado idealismo e egocentrismo subjectivistas, com desastrosas consequências negativas, especialmente na linha de um criticismo negativista e tendencialmente agnóstico.

Mas o mérito da análise de Scheler reside em que, ao mesmo tempo que procura chamar a atenção para as debilidades da razão – pondo em causa a ideia moderna de uma razão forte – também se esforça por realçar as suas reais capacidades para aceder ao ser das coisas, de si mesmo e do próprio Deus. Como escreve em sua «Observação preliminar», «toda a separação e alheamento efectivos do nosso espírito em relação a este ser não descansa numa constituição imutável do espírito cognoscente, mas apenas nas debilidades e propensões, em princípio superáveis, da natureza humana. Porém, precisamente, se a filosofia fenomenológica pensa poder provar este princípio, que restitui os seus antigos direitos à metafísica e, junto com ela, a um ser e viver atentos a dados absolutos, estará duplamente obrigada a investigar com todo o detalhe e precisão as múltiplas formas de *fechamento do homem* [...] em face do ente e, do mesmo modo, as razões e motivos de todas as possíveis direcções *enganosas* na direcção de Deus, das coisas externas e de si mesmo.» (p. 20).

Como se vê, procurando evidenciar tanto os limites como as reais possibilidades do conhecimento humano, este estudo de um dos grandes pensadores do século XX torna-se particularmente oportuno e digno de ser revisitado no tempo presente, tempo de uma unilateral razão débil e de um pretenso e tão propalado fim da metafísica.

JORGE COUTINHO